



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário - Preço: 75\$00

EDITORIAL

ÊNFASE

Um leitor devidamente identificado opinou que em «O Novo Fangeiro» devíamos dar maior destaque a outras indústrias que não só ao turismo, pois este beneficia apenas uma percentagem mínima de pessoas, nomeadamente hoteleiros, donos de restaurantes e proprietários de lojas de «souvenirs».

Na esteira dos sociólogos e de economistas, somos de opinião que o turismo oferece enormes possibilidades para o desenvolvimento económico e social do país através de factores, uns visíveis, e outros, não directamente visualizáveis, mas que existem realmente.

Em primeiro lugar temos a entrada de divisas que servem muitas vezes para cobrir o deficit do Orçamento Geral do Esta-

do. Em muitos países a entrada da moeda estrangeira através do turismo suplanta todas as outras indústrias de exportação como aconteceu no ano de 1964 em Espanha.

O equilíbrio no desenvolvimento de diferentes zonas do país é hoje outra realidade, o que se pode constatar em Portugal, por exemplo com a pujança turística do Algarve que por sua vez começa já a alargar a sua influência ao martirizado Alentejo. As suas praias passam a ter bastante procura. Praias e não só. No que concerne à nossa terra, devemos referenciar, como já o afirmámos em tempos, que há um Fão antes de Sousa Martins e um outro Fão pós Sousa Martins. Depois que desapareceram os estaleiros navais de Fão, a nossa terra caiu numa monotonia empalidecente, apenas cortada pelo sonho desse visionário que descobriu Ofir em Fão.

Por sua vez, «os gastos feitos pelos turistas, quer em alojamentos, quer em alimentação, aquisições e serviços diversos, dão origem a rendimentos como salários e lucros de comércio».⁽¹⁾ Durante muito tempo as casas que os fangeiros aluga-

vam aos banhistas (leia-se turistas) constituíam uma fonte suplementar importante do orçamento caseiro. Hoje esse ramo de negócio está em declínio devido a factores que em outra altura abordaremos.

Por outro lado, o aumento de actividades produtivas, devido ao alargamento do mercado consumidor, permite a manutenção de certas casas comerciais que não se «aguentariam» a trabalhar apenas para o colectivo indígena.

Correlacionado com este último factor, temos uma maior extensão da actividade terciária que se traduz em empregos que nós vamos classificar de **mais limpos** e que permitem a inserção de jovens num plano social mais elevado. Existe entre nós o caso do Hotel Ofir que tem como director um fangeiro e como sub-director outro conterrâneo, ambos com a marca «made in Fão».

Não nos venham agora perguntar a que devemos dar maior ênfase: se a um hotel, se a uma fábrica. Diremos que ambos são bem-vindos, pois ambos são necessários e, portanto, desejados.

⁽¹⁾ O Turismo na Vida Social de Márc Baptista.

QUEM sobe as escadas do nosso hospital, fica «esmagado» por aquela galeria de retratos que se estende ante o nosso olhar. Algumas daquelas figuras foram nossas coetâneas, conviveram connosco e delas possuímos um conhecimento mais ou menos perfeito. Outras personagens, porém, constituem para nós uma incógnita, sobretudo aquelas cuja vida decorreu em grande parte ao longo do séc. XIX.

Há um factor ou denominador comum que as identifica: foram todas amigas ou benfeitoras do nosso hospital. Essa base de igualação em tempos de antanho tinha até uma

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

D. MARIA TERESA DE S. JOSÉ

medida: quem doasse 50.000\$000 ou daí para cima, tinha direito a um retrato na galeria. Estamos em crer, porém, que esse motivo incentivador foi na maior parte suplantado pelo bairrismo que rescendia de tais ofertadores. A esse bairrismo devemos ou podemos acrescentar um certo sentido de benemerência ou uma intenção salvífica: realizavam doações para salvação das suas almas.

Quem fazia tais ofertas por mero imperativo categórico, tão caro ao nosso velho conhecido Emanuel Kant? Não o sabemos e estamos convicto que poucos destes benfeitores discriminavam com plena nitidez o motivo que os levava assim a agir. Uma coisa é certa: tais indivíduos doaram ou deram qualquer coisa e esse trânsito, essa passagem do sujeito doador para o sujeito ou entidade recebedora é o que importa.

O nosso perfil de hoje incide sobre uma mulher de Fão que deixou ao Hospital uma parte da sua fortuna com o usufruto para alguns parentes e afins, enquanto vivos. À morte do último usufrutário, aquela parte da herança seria distribuída, metade para o hospital de Fão e a outra metade, em partes

iguais para os pobres de Gemese, terra dos ascendentes do seu marido. A última usufrutária, Rosália Ribeiro da Fonseca, faleceu em Fão em 1940⁽¹⁾.

Apesar de possuímos o retrato desta benfeitora, poucos dados conhecemos sobre a sua vida. Temos a certeza que casou — o seu marido era de uma família de Gemeses — e que faleceu no Brasil, mais propriamente no Rio de Janeiro, em 10 de Agosto de 1862. Este dado leva-nos a tentar dizer que a sua fortuna foi conseguida no Brasil, possivelmente pelo marido.

Ter-se-á notabilizado por uma certa áurea de benemerência ou a dádiva ao hospital foi gesto único na sua vida? Não sabemos. De qualquer modo deixou à nossa primeira casa de assistência um legado que em moeda de hoje corresponderia a 11.108\$000 x 2.480\$00, o que dá a bonita soma de esc. 22.547.840\$00. No encontro deste total tivemos a precisa ajuda do nosso também colaborador Carlos Mariz.

⁽¹⁾ Estes dados foram-nos cedidos pelo nosso colaborador José Maria Machado do Vale.



Retrato de D. Maria Teresa de S. José

DE APÚLIA

AS NOSSAS RUAS — É comum, na maioria das terras, aproveitar novas construções, ou reconstruções, para obrigar ao seu recuo, deixando mais espaço para o trânsito, e não só quando essas artérias são de muito e difícil trânsito.

Em Apúlia nem sempre tem sido assim. Em parte, até se podia dizer que tem sido feio o contrário. Obriga-se ao recuo em ruas de menor importância; deixam-se as coisas como estão noutras de muito mais movimento. Diga-se, porque é verdade, que muitas vezes é o «finca pé» dos proprietários que obriga a estas situações. Agora, como sempre aconteceu, «respeita-se» o seu poder económico ou o peso político, situação que infelizmente, é universal.

De volta ao assunto, os casos mais flagrantemente, por mais recentes, são a Rua do Cruzeiro e a Estrada da Bonança antes da subida para «Cedovém».

É certo que num caso, e certamente que também o será no outro, são construídos passeios para peões, obrigatórios numa terra que tem o estatuto de Vila.

Aqui pode pôr-se com alguma legitimidade a mais valia do soneto ou da emenda, porque tanto uma como outra das artérias citadas, são já vias de enorme e difícil trânsito. E quando todos sabemos que ele tende a aumentar todos os dias.

PRAIA DAS «PEDRINHAS» — Esta praia, que já foi uma das mais amplas em areal de toda a Apúlia, e que depois da construção daquele enrocamento ficou completamente destruída, está a tornar-se uma agradável surpresa. A areia branca e macia, já se vê da estrada da Bonança. E está a crescer todos os dias.

E bastou para isso, que fossem destruídos 100 metros desse esporão. O que permite duas conclusões: que foi o esporão que destruiu a praia (o que agora toda a gente já aceita), e que a destruição de outros 100 me-

tros (como foi prometido se a destruição dos primeiros resultasse), iria repor no espaço de alguns anos, grande parte do areal dessa praia, e da de «Cedovém».

Como pensamos que as pessoas que prometeram isso são pessoas de palavra e não de palavras, vamos tornar a ter de volta as nossas praias, com aspecto razoável, dentro de poucos anos.

FALECIMENTOS — Registaram-se em Apúlia durante o mês de Agosto, os seguintes falecimentos:

No dia 3, **SERGIO FILIPE DIAS**, solteiro, nascido em 13 de Novembro de 1970. Era filho de Isaias Ribeiro Dias e de D. Maria da Conceição Miranda Filipe.

No dia 13, **MARIA DE JESUS DA SILVA**, solteira, nascida em 27 de Agosto de 1907, filha de Adelino José Ferreira e de Maria Teresa Alves.

No dia 19, **D. MARIA DULCINIA TOMÉ DE ALMEIDA**, nascida em 27 de Outubro de 1940.

A inditosa Senhora era casada com Eduardo Fernandes Dias do Norte, e filha de Adriano Augusto de Almeida e de D. Emília Lopes Tomé.

A todos os familiares destes apulienses apresentamos sentidos pêsames.

FUTEBOL — O GRUPO DESPORTIVO DE APÚLIA, que tão bem tem representado a força e o querer da nossa terra, e que vem de uma época brilhante, mudou de treinador, perdeu alguns jogadores importantes, conseguiu o concurso de outros, e vai entrar este ano no Campeonato da Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga (o máximo das Distritais), com mais 15 clubes, apurados das duas séries da 1.ª Divisão.

Outras responsabilidades, mas também outras perspectivas de qualidade e de dignidade, se perspectivam.

Esta época (ou a partir desta época), o

nosso Clube e a terra que lhe deu o nome, vão beneficiar de uma maior divulgação nos meios da comunicação social. De graça.

SARGACEIROS — Com iniciativas de carácter desportivo, cultural e recreativo, que se prolongaram ao longo de todo o mês de Agosto, festejou o Grupo de Sargaceiros de Apúlia, o seu 60.º aniversário natalício. Uma longa e prolifera vida, com altos e baixos como é próprio de quem tem valor, mas sempre com a dignidade marcante duma terra e da sua gente, e sempre, também, como lídimo e autêntico representante do Folclore Nacional.

Atestam-no os milhares de convites e consequentes actuações, os diversos prémios e louvores, o orgulho despertado, as viagens ao Brasil, França e Espanha, a sua divulgação através da televisão de alguns países, os filmes que motivou, o apuramento para representar Portugal nas 1.ªs Olimpíadas Europeias de Folclore, e a conquista da «Taça Abril em Portugal».

Apesar dos sessenta anos de vida ainda continua pujante, e a levar alto e longe o nome de Apúlia.

Parabéns.

FESTAS DA SENHORA DA GUIA — Com o brilhantismo e o afluxo de forasteiros já tradicionais, decorreram este ano as Festas em honra de Nossa Senhora da Guia.

O estado da praia e a maré alta não permitiram que a Procissão passasse pela areia. O que será inédito.

Muitos e bem elaborados programas ajudaram, e reforçaram, o luzimento esperado. De entre eles merecem destaque os conjuntos musicais de Sexta-Feira, o desfile etnográfico, o arraial nocturno e festival de folclore de sábado. No Domingo, como sempre, a Procissão, este ano com outro mais longo e curial trajeto, foi o culminar dos festivais agradecimentos e da religiosidade autêntica de um povo, que nasceu com os pés no mar e tem a Senhora da Guia como Madrinha.

UMA PALAVRA DE CONFORTO — O Eduardo, é um «rapaz» da minha geração, um amigo dos verdes anos. Também ele um insatisfeito, dos que trabalhando com os braços (e ele na sua profissão é mestre), também trabalhava e recreava o espírito. Era dos que lia os jornais, dos que se cultivava.

Bom chefe de família, bom pai, marido impecável, e inteligente, merecia ser feliz na vida.

Há alguns anos a esposa adoeceu. Coisa de somenos, terá pensado. Não era. A doença foi-a minando, implacável.

Correu «seca e meca», gastou «rios de dinheiro» na procura do alívio dos seus males. Tudo em vão.

O Eduardo que tudo sabia há tempos, andava triste, apático, diferente. Não convivia na ânsia de trocar as voltas ao destino.

O desenlace, como se noticia acima neste mesmo Jornal, aconteceu no dia 19 de Agosto. O Eduardo perdeu a sua melhor companhia, num dia festivo para Apúlia, que indiferente ou desconhecedor da amargura alheia, continuou a viver as festas da sua eleição.

Se fosse possível apagar a dor com palavras, também seria possível escoar o mar com uma concha, escreveu alguém.

De qualquer forma gostaria de aqui deixar ao amigo de muitos anos, uma palavra curta mas de muito grande solidariedade. Coragem!



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 — 60 63 748 — FAX 66 73 66
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1893 — TEL. 759 72 04 — FAX 759 72 06

DE ESPOSENDE

**DIA DO MUNICÍPIO
CONDECORADOS ESPOSENDEENSES
E EMPRESAS
ALBERTO FIGUEIREDO,
ÚLTIMO MANDATO!**

«A minha compensação na Câmara Municipal, sempre o disse, será a satisfação das necessidades das populações», esclareceu Alberto Figueiredo, para anunciar, de seguida, após algumas considerações sobre o momento político de Esposende, que: «Este será o meu último mandato! Afirmando Solememente e vai ser mesmo».

O Dia do Município ao longo dos últimos anos tem merecido a melhor das atenções do Concelho de Esposende. É um facto histórico, a elevação de Vila e de Concelho por carta régia de D. Sebastião, de 19 de Agosto de 1572. Presentemente, o primeiro aniversário da Cidade. Por isso, as cerimónias iniciaram-se com o hastear das Bandeiras no edifício dos Paços do Município, seguindo-se a missa celebrada por Mons. Baptista de Sousa, em sufrágio dos esposendenses falecidos.

O ponto alto das comemorações realizou-se no Auditório Municipal, com o Grupo Coral a cantar o hino da Cidade e o Dr. Agostinho Pinto Teixeira, o filho adoptivo de Esposende, a proferir uma palestra alusiva ao acontecimento.

«Esposende pelo coração» como se identificou, o palestrante optou pela exaltação do «património natural de Esposende, pintando nas suas cores a paisagem com palavras, fotografando ângulos e perspectivas através de uma óptica incomum que admite corporizar a paixão de uma beleza pela estética das coisas, pelo equilíbrio dos pormenores, pelo gosto ainda que poeticamente definido...» para visionar uma Esposende romântica e feliz, alegre e prazenteira com o progresso alcançado, à espera de futuro ainda melhor a que tem direito, na unidade e na harmonia.

O presidente da Câmara Municipal, na sua alocação deixou mensagens: unidade do Concelho para reforço no caminho do progresso; esperanças de bons resultados nas negociações da candidatura aos fundos comunitários; os apoios do Governo.

Depois de salientar alguns objectivos do mandato em curso, das mudanças operadas, repetiu algumas das afirmações feitas na entrevista que publicamos na edição anterior e, não deixou de lamentar as ausências de muitos dos eleitos, incluindo os vereadores, disse: «Estes oito anos ao serviço da Câmara foi a minha quota parte da responsabilidade, foi a minha quota parte de serviço a favor da população do meu Concelho do qual, já disse atrás, me orgulho muito...» Referiu-se, também, à oposição e do seu comportamento para o progresso de Esposende.

«O País e o Concelho serão melhores e maiores em função do seu povo», acrescentou, para denunciar o constante responsabilizar da Autarquia por actos, quando se diz, habitualmente: «a Câmara que pague...» como se tudo fosse possível de realizar. E convidou a sociedade civil a participar e a contribuir para o desenvolvimento de Esposende, já que, disse, «a oposição continua sem alternativa credível no debate sobre o futuro desta terra...»

A finalizar, o Dr. Fernando Conceição, Vice-Governador Civil de Braga, em representação do Governo, tecendo algumas conside-

rações sobre a efeméride e do evidente progresso de Esposende.

À tarde e à noite, conjuntos executaram boa música popular portuguesa, terminando a noite com uma sessão de fogo de artifício.

★

Entidades galardoadas: com medalha de Mérito Municipal — Padre Costa Leal, Abade de Belinho, pelos 25 anos de Pároco; CARFER, de Quinta & Costa, pelos 25 anos de actividade; Amândio Barros Lima, o Sampaio, a título póstumo, pela abnegação no salvamento de crianças; com medalha de Mérito Desportivo: Clube de Futebol de Fão, pelos 25 anos de actividade; Fundação Calouste Gulbenkian, medalha de Mérito Cultural, pelos milhares de livros oferecidos à Biblioteca Municipal.

**UM INFANTISTA...
RECORDANDO O I ENCONTRO
DE OFIR, SETEMBRO/85**

São passados nove anos da realização, em Ofir, do I Encontro dos antigos alunos do extinto Colégio Infante de Sagres. Também, em memória dos 500 anos das Descobertas e, da acção do patrono, o Infante D. Henrique, transcrevemos este naco de prosa saudosista:

«A Primavera vai e volta sempre. A mocidade vai e não volta mais». «Mas se tu tiveste a subida honra e a suprema glória de ter sido um «infantista»; se encebaste as Noções de Direito do dr. Távarela; se amoldaste o teu carácter à nobre maneira de ser do prof. Álvaro Carvalhal; se melodicamente trauteaste o «Xixi» do Padre Cândido; se tonificaste os alvéolos pulmonares com a ginástica aeróbica do prof. Carlos Martins; se cubicaste a raiz quadrada com o dr. Arménio; se não arrebastaste os tímpanos com a fúria das palavras do dr. Reis; se enfim, ergueste o «sim senhor» sempre que o Filipe empunhava o badalo... então tu reverdescerás eternamente como a Primavera, as artérias do teu corpo serão cor-

rentes de amizade e por ti o poeta cantará um dia: «A primavera vai e volta sempre».

Um infantista não envile(velhe) cerá jamais».

E esta, hein!

**RALI CIDADE DE ESPOSENDE:
ACIDENTE MORTAL
JOSÉ FARIA, O VENCEDOR ABSOLUTO**

O Rali Cidade de Esposende, prova automobilista a contar para o Nacional Iniciados na disciplina, teve como vencedor absoluto e antecipado, a conhecida dupla esposendense José Faria/Victor Quintão, ao volante de Opel Astra GSi, 16V, prova constituída por duas secções num total de 176,85 quilómetros, em estradas do concelho de Esposende e de Barcelos, realizada em 27 de Agosto passado, organização do Sport Clube do Porto e o patrocínio da Câmara Municipal e empresas de Esposende.

O acidente que veio a interromper a prova, quando faltavam três classificativas, ocorreu no troço Durrães-1, com o despiste do carro tripulado por Pedro Barbosa, quando embateu nos «raid's» e que, ao ser vasado pelos ferros, feriu mortalmente o «navegador» José Peixoto, jovem de 24 anos, técnico de informática.

A prova teve uma disputa interessante e que valorizou a vitória da dupla esposendense. Porém, devido ao acidente mortal e à falta de condições de segurança e de apoio, situação invocada pelos concorrentes, a organização interrompeu a prova. Daí, a classificação final corresponder à posição no momento do acidente.

Será de realçar, a vitória do piloto esposendense José Faria e, também, o comportamento meritório da dupla Tino Matos/Jorge Costa.

Classificação final: 1.º José Faria/V. Quintão, Opel Astra GSi, 16v; 2.º Carlos Costa/A. Oliveira, Peugeot 205 GTi, 1.9; 3.º Luís Ramalho/M. Ramalho, em VW Golf GTi 16v, seguindo-se mais 18 concorrentes, entre eles, o Tino Matos/Jorge Costa.

**EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA
NA BIBLIOTECA**

A Biblioteca Municipal organizou uma ex-



A malta do I Encontro

posição sobre as publicações relacionadas com Esposende, tendo catalogado o fundo existente.

Será consolador recordar as publicações, os seus autores e editores e, bem assim, alguns dos jornais que circulam no antigamente, outros ainda «vivos». Todavia, nem todos constam no rol das existências da Biblioteca e, como exemplo, a revista, número único, de Agosto de 1929, da responsabilidade de João Amândio, Domingos Lopes da Costa e de Guilherme M. Oliveira, com gravuras de Celestino Pires e de Domingos L. da Costa, capa artística do prof. Manuel Gonçalves Viana. Outros: o Grulha, o Cávado...

CAVALOS DE FÃO — PESQUISA DOS FUNDOS

Está a surgir uma interessante iniciativa que é, a filmagem ou gravação em vídeo da área limitada pelos rochedos «Cavalos de Fão». Ninguém conhece esses fundos marinhos quanto à flora e à fauna, entre outras novidades em repouso sabendo-se que aí naufragaram navios e traineiras.

Os «Cavalos de Fão» que o Padre Jerónimo Chaves defendeu tenazmente como sítio ideal para a construção de porto de abrigo, é um conjunto de rochedos no enfiamento do paralelo a 41° e 31' minutos latitude N, a 1,5 milhas da foz do Cávado e a outro tanto, da praia de Fão, ainda não foi estudado abaixo da linha de água, na baixa mar.

Que entidades estarão dispostas a pesquisar o fundo do mar, junto dos «Cavalos de Fão»? Associação dos Amigos do Mar; Capitania do Porto de Viana do Castelo. Será verdade, que nestes rochedos, existiu um porto de abrigo construído pelos romanos, como afirmou o Padre Jerónimo Chaves?

FACHO DA BONANÇA EM RUÍNAS ESPERA RECUPERAÇÃO

São decorridos dois anos sobre a promessa de reconstituição do Facho da Bonança, edifício histórico de interesse público, integrado no espaço da jurisdição do gabinete da área de Paisagem Protegida de Esposende.

Em Outubro de 1992 alertamos para o estado de ruína do edifício e do risco de desaparecimento de muitas das pedras devido a brincadeiras ou descuido com a retirada, abusiva, de algumas delas, desde longa data.

A reconstituição do edifício, embora em fase de buscas e de estudo de ante-projecto para o caso do Facho da Bonança, dois anos



O facho da Bonança

se passaram e nada consta quanto à realização da obra.

Em 1926, o estado de ruína do histórico edifício já era evidente, ninguém se interessou, nem a antiga Comissão Municipal de Arqueologia, quando se alertou para o facto em 1972.

O Facho da Bonança, que terá sido construído no século XVI é um documento histórico que pertence ao período das lutas liberais veio a integrar-se na Guarda-Fiscal, com Regulamento publicado em 1831.

A Casa do Facho, segundo descrições da época, tem a configuração de quase quadrado, com cinco metros de altura, porta em «arco redondo e arestas biceladas, encimada por brasão de armas nacional em granito» são elementos capazes de facilitar a reconstituição.

O Facho da Bonança, continua à espera da sua recuperação, actualmente, um amontoado de pedras, escondido no pinhal, junto de N.S. da Bonança.

ARTES PLÁSTICAS EM EXPOSIÇÃO

No período de festas e como animação turística desta zona, houve algumas exposições de trabalhos em pintura e outros materiais. De Hans Korber, no Centro Paroquial, como motivos regionais; Celestino Magalhães, na

sua galeria da Rua Direita, sobre temas variados; Lídia Solinho, no Largo Rodrigues Sampaio, com alguns novos e bons trabalhos; Maria Irene Ribeiro, em materiais variados; alguns bons trabalhos em metais.

ACIDENTES: UMA TRAGÉDIA!

No decorrer do 1.º semestre de 1994, o Distrito de Braga registou 956 acidentes de viação de que resultaram: 46 mortos, 81 feridos graves e 700 ligeiros. Nestes números incluem-se os de Esposende.

O resultado, em relação a igual período de 1993, baixou ligeiramente, enquanto nos restantes distritos do litoral (Porto e Viana do Castelo) mostraram melhorias mais acentuadas. Assim, em 1993 houve 1.662 acidentes, com 69 mortos, 141 feridos graves e 1.119 ligeiros.

Se verificarmos bem os números do corrente ano, Esposende apreenha resultados preocupantes, comparativamente com os Distritos do litoral. No centro urbano de Esposende, os choques e embates são aos montes, diríamos, em cada cruzamento assistimos a constantes acidentes, devido a velocidades inconvenientes e perigosas, com sérios problemas. Até uma das ambulâncias dos Bombeiros, em serviço, não escapou, tendo capotado. Como reprimir tão acentuado acréscimo de acidentes?

Compete às autoridades policiais descobrir a fórmula mágica já que a pedagogia da multa, continua sem ter quaisquer efeitos.

LOCUTOR DA RÁDIO MORTO POR ACIDENTE

Quando se dirigia à Rádio de Esposende, à noite, José Manuel Queirós de Faria sofreu grave acidente de automóvel, de que veio a falecer.

Na noite de 27 de Agosto findo, cerca das 22 horas, Manuel Queirós figura bem conhecida na comunicação social, devido ao embate violento com ciclomotor conduzido por jovem de Perelha (Barcelos) despistou-se junto da Estação de Serviço Zende e no cruzamento de Gandra, de que resultou a morte imediata de Manuel Queirós e o ciclomotorista.

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

PÁGINA JOVEM

SUSTO

Olá, jovens! Como as férias passaram depressa! Agora é tempo de começar a arregaçar as mangas, pois o novo ano escolar está aí. Boa sorte! Bom trabalho!

*Um hipopótamo turista
— é estranho mas é verdade —
saiu da selva e foi ao dentista
no centro da cidade.*

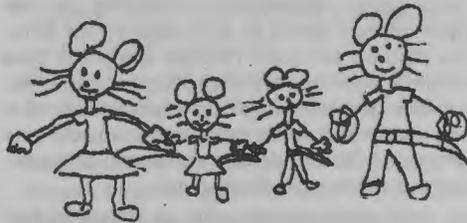
*A recepcionista ficou louca,
fugiu toda a clientela,
e quando o bicho abriu a boca
o dentista saltou pela janela.*

(in «VOA, PÁSSARO, VOA», de Sidónio Muralha).

A TICA E OS SEUS BEBÉS

Por ALTAMIRO MARQUES

(Continuação)



Desenho de Joana Sílvia (5 anos)

Na vizinhança existiam muitos gatos e entre eles havia uma gata branca, malhada, que deixou de ser arisca. Sempre que chegavam à aldeia e ao abrirem o portão, lá estava a gata, que se tornou muito bem educada e que o Fernandinho baptizou de Tica. Era toda cheia de «miaus», muito limpinha e ía logo para a cozinha ou para a sala de jantar, à espera de bocadinhos de comida... Ao fim duns anos, a Tica abandonou os seus antigos donos e passou a viver permanentemente na casa do Fernandinho. Dormia numa varanda, numa cadeira e sobre uma almofada velha e passou a alimentar-se, quando lá não estavam, exclusivamente de ratos, pardais, sardaniscas e até de toupeiras, que caçava com grande habilidade.

Um dia a Tica apareceu com a barriga muito grande e ía ter filhinhos. O Fernandinho ficou encantado e pôs um cesto cheio de palha na varanda, para servir de ninho. Todos se riram, mas a verdade é que num belo fim de semana, lá encontraram a Tica no cesto, toda ufana, com dois gatinhos muito bonitos. O Fernandinho delirou e a gata deixou-o pegar nos filhos, para os acariciar. Dois meses depois a Tica trouxe os filhos para o jardim, ora dando-lhes de mamar, ora levando-lhes um pardal, para eles se habituarem a comer. E os gatinhos brincavam, brincavam, perante a alegria do Fernandinho.

Certo dia, quando o Fernandinho foi dar comida aos peixes, não viu a Ferlita nem a Tourina e ficou admirado... Passaram-se mais uns dias e era cada vez menor o número de peixes que apareciam... Até as duas manas Praxades haviam desaparecido... Havia um mistério, que cedo o Fernandinho descobriu, ao encontrar a mãe gata, muito quieta, à beira do lago, com os olhos fitos na água. O Fernandinho compreendeu e chorou, porque a Tica estava a dar cabo de todos os peixes do lago, de quem ele tanto gostava.

(continua)

PAUSA PARA SORRIR

Um homem casou com uma senhora bonita mas de muito mau génio. Durante anos, as discussões eram quase diárias, pelo que a vida do casal se tornou um inferno.

Então, um dia o marido soube que estava muito doente. Como não tinham filhos, foi ao notário fazer o seu testamento. E dispôs assim:

«Deixo todos os meus bens à minha mulher, Fulana, com a condição de ela se voltar a casar, sem falta, logo que se complete um ano sobre a minha morte».

O notário, que nunca tinha visto um testamento tão esquisito, perguntou-lhe a razão de cláusula tão estranha.

O cliente satisfaz-lhe a curiosidade:

— «É simples: eu quero que ela volte a casar depressa, para ter a certeza de que alguém há-de chorar a minha morte: o homem que tiver de a aturar!»

★

Pergunta o professor, num exame de História:

— «O que fez Cristovão Colombo logo que pôs o pé na América?»

Responde muito pronto o aluno:

— «Pôs imediatamente lá o outro pé, senão cafa!»

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus®

OS OLHOS DA MENTE

*Escuto, olbo, interpreto,
Descrevo com a imaginação.
O que é a imaginação?
Talvez uma imagem abstracta
De um real desconhecido.
Ou a libertação da recordação
Presas nas correntes da memória,
E o correr de um rio,
Rápido e turbulento,
Percorrendo tudo ao mesmo tempo,
Da rapidez com que acontece.
Algo se liberta,
Por vezes explode,
Espalhando a frustração
Que encerra em si.*

*Nela nascem universos,
Ideias, sentimentos, palavras,
Enfim,
O retrato desta humanidade
Instável é cada vez maior.
Afinal, é ela a musa
Que tudo inspira.
Sabe-se lá o que nela se passa!
E nela se viaja,
Sem sequer se sair do sítio,
Tudo se vê e conhece,
Sem sequer se conhecer,
E a nascente da nossa vida interior,
É esse sol redondo e quente
Que afaga a flor da existência
E se perpetua na idade dos homens,
Tão velhos como ela,
E a ela unidos
Como se da sobrevivência se tratasse.*

*Tudo se vê com clareza.
Porque estes olbos da mente enganam,
Até se fecharem e nos deixarem acordar
Para viver no real.*

Marta (16 anos)

CRÓNICA DO QUOTIDIANO

Pelo QUIM DE FÃO

CARTA A UM PATRÍCIO:

— Não nos hipotecamos a um passado que se revestiu de aspectos miserabilistas, de profundas frustrações e desigualdades sociais. Embora demos o direito a este e àquele de lembrar esse (o seu) passado, de expandir a sua nostalgia ou saudade pelos petiscos desta ou daquela tasca; dos trechos da Tua Manica, das guitarradas do pátio da Ti Leonora; de umas santolas pagas a tostão aos pobres e explorados pescadores de outrora, de ceroulas arregaçadas e barco às costas; nós, aqueles que cá ficámos, que demos a cara na luta contra a fome e algumas formas de opressão; nós, os «tais» filhos de alfaiate, pintor e pescador, e que chegámos onde chegámos, não devemos nada, absolutamente nada ao passado que o patrício pretende «dependente» de brasileiros. Somos praticamente do tempo em que batemos o pé ao tal Estado Novo que mandava os meninos de nove anos para o Brasil; nós não emigrámos. Exigimos que o Governo da Nação fizesse; exigimos o fim da guerra colonial; exigimos escolas novas; exigimos um hospital renovado um quartel de Bombeiros também remodelado e tantas outras coisas que não enumero. E o Estado, o Governo da Nação a partir dos anos setenta fez ou participou. Se olharmos para trás, sem saudosismos e com olhos livres das remelas da idade, os tais filhos de alfaiates, carpinteiros, pescadores, etc., etc., fizeram mais por Fão nestes últimos trinta anos do que a meia dúzia de brasileiros — só meia dúzia — que no seu tempo contribuíram para amenizar a fome da sua época. Porquê? «Não faças, ensina a fazer». É que é ou era mais fácil governar um país de analfabetos e com medo do Inferno do que um país de gente culta. E Fão era, até aos anos quarenta, na sua maioria, constituído por pessoas incultas que se deixavam submeter. «O grito do Epiranga» também se ouviu em Fão... e a nossa terra cresceu... cultivou-se... mudou.

A culpa desse passado mais ou menos tenebroso não é nossa que ou não existíamos ou não nos deixavam administrar as instituições locais. Os «velhos» eram avessos a mudanças e tinham medo de entregar aos jovens o comando das instituições. Hoje, está provado que foi um erro. Foi preciso o 25 de Abril para que tudo mudasse. Nós não nos hipotecamos a um passado do qual fomos vítimas; além do mais, Fão já pagou a dívida a essa meia dúzia de brasileiros — não tomemos a parte pelo todo —. Pires Carneiro, Artur Sobral, Joaquim Mariz, Amorim Campos e um ou outro mais já têm o nome numa rua ou avenida; já têm a sua fotografia na galeria dos fangueiros ilustres, mas só estes. Que eu saiba, os fundadores e os maiores beneméritos do hospital nos séculos XVII, XVIII

e XIX não foram, nem eram brasileiros, João Casanova, o fundador, era pescador.

E, numa reflexão mais cuidada e profunda, pergunto-me se quem tem mais força, coragem e fangueirismo, aquele que virou as costas à fome, ao desemprego, à miséria e abalou nos anos trinta ou quarenta para os Brasis, Áfricas ou outras paragens ou se aqueles que enfrentaram todo o tipo de exploração; que enfrentaram uma sociedade mórbida e abúlica; que enfrentaram um sistema político agrilhoado e selectivo que não permitia que todos se instruissem; um sistema político em que o filho de alfaiate ia para alfaiate; filho de carpinteiro ia para carpinteiro; filho de trolha ou pintor ia para pintor! Então quem fez mais pela terra, aquele que emigrou? Ou aquele que enfrentou este passado e conseguiu destruí-lo?

Pois, caro patrício, nós, os «filhos de ninguém na vida», hoje somos licenciados; hoje Fão é bonito, Fão tem uma nova imagem nas suas ruas, casario, instituições sociais e restauração. São trinta e tantos cafés/restaurantes, são sete pubs e boites. Pense bem! Para atravessar a ponte metálica precisa de trinta minutos e para chegar à praia, no Verão, gasta quase o mesmo tempo. Muita coisa mudou, graças à nova ordem socio-económica, e sem as «esmolinhas» dos brasileiros. E foi o Estado quem fez tudo ou quase tudo. Sabe porquê? Nós não abandonámos a pátria, os velhos, a terra que nos viu nascer. Talvez fosse a solução mais fácil... mas se assim fosse, Fão hoje estaria despovoada. Nós, os tais filhos de profissões humildes mas honestas — todas as profissões são honrosas quando exercidas com honestidade — nós não hipotecamos Fão. Demos-lhe uma nova vida; demos-lhe sangue novo e, hoje, Fão não precisa de esmolar. O Governo que faça as obras, para isso pagamos impostos. E o Governo vai fazendo...

Volte a Fão, caro patrício, verá que será bem recebido. Os tempos mudaram. Já não há tempo para bajular ou fazer vénias, mas ninguém se queixa que Fão não é hospitaleiro. Ainda temos um coração bom e uma casa portuguesa onde se não esqueceram os princípios de bem receber. Não espere, no entanto, encontrar o Fão dos anos trinta ou quarenta. Felizmente esse Fão está morto. E bem enterrado. Os jovens desconhecem-no. E eu, na casa dos cinquenta, também não tenho saudades dele.

Antes de terminar esta crónica/carta, caro patrício, quero lembrar-lhe que sou filho de alfaiate; fui alfaiate; não me envergonho do meu passado nem acuso aqueles que me prepararam e mo obrigaram a viver mas, felizmente, ultrapassei esse barranco e numa forma de pioneirismo mostrei que era possível chegar à licenciatura. «Filho de alfaiate é doutor» como o patrício diz, não sei se com

ironia ou satisfação. O seu texto tem duas leituras. Oxalá seja a segunda.

Venha visitar-nos; será bem recebido e traga-nos a notícia de que o brasileiro-comum já não faz do Quim nem do Manel o «bombo-de-festa» das suas anedotas estúpidas.

DE ESPOSENDE

(Continuado da pág. 4)

projectado à distância, com amputação de uma das pernas.

O jovem, transportado de urgência para Barcelos, veio a ser transferido para o Hospital de S. João, onde faleceu.

José Manuel Queirós de Faria, filho do Comendador e cirurgião Dr. Manuel Queirós Faria, era responsável pelo programa Noite Litoral, Roteiro do Minho e colaborador da tarde desportiva, na Rádio de Esposende, sendo muito sentida a sua morte, devido à sua capacidade de radialista e de programador.

Sobre o jovem ciclomotorista, há uma versão espantosa relacionada com a perna amputada e perdida, depois achada, e a sua devolução a Barcelos.

A. L. COSTA

BAPTIZADO

Realizou-se no passado dia 07/08/94, na Igreja Matriz de Fão, o baptizado do menino Bruno Manuel Ferreira e Pires Pereira, filho da professora Maria Cristina Soares Ferreira e Pires Pereira e do nosso assinante Carlos Manuel Pires Pereira.

Foi madrinha do Bruno, Eulália Gaifém Soares Queiroz e padrinho o Eng.º Luís Artur Soares Ferreira.

A cerimónia do baptismo foi realizada pelo rev. Pároco de Fão Padre Vilar, à qual assistiram familiares e amigos.

CONVÍVIO DA COOPERATIVA CULTURAL

No dia 5 de Agosto a Cooperativa levou a efeito um jantar convívio no Fojo. Tudo correu bem. Houve alegria, contaram-se histórias e cantaram-se fados, canções fangueiras e brasileiras. Foi um pouco à Fão. Exibiram-se o contento Luís Morais, Rosa Maximino, Zita Saraiva, o Sérgio e, surpresa das surpresas!, a D. Cecília que numa voz adamada conseguiu calar o incómodo susurro das vozes dos menos sensíveis.

O Sérgio ainda deu uma ajuda com o violão e foi acompanhado pelo profissional de guitarra (que já vai sentindo o bichinho fangueiro) Samuel Cabral.

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE



BOLETIM INFORMATIVO
NR. 005

AGOSTO 1994

O BAILE DA VERGONHA

Nem sabemos por onde começar, mas se começarmos pelo princípio talvez os nossos leitores compreendam melhor o que nos vai na alma neste momento.

Primeiro fracasso sério nas nossas iniciativas mas nem por isso seria preocupante se não tivessem acontecido «coisas» que nos deixam verdadeiramente em transe. Em transe, sim, porque o que aconteceu com este bendito baile não lembra ao diabo. Já lá iremos e com calma para que possamos estar verdadeiramente lúcidos na escrita, pois os que nos lêem têm o direito de serem informados das verdades sem sofismas ou exaltações de quem se sente frustrado, traído e porventura mal acarinhado.

Tudo isto vem a propósito de um baile «anos 60» que este movimento e a Cooperativa Cultural tentaram levar a efeito no passado dia 27/8/94, e que foi uma grande «barraca» não porque nós e eles não estivéssemos empenhados no seu êxito, para bem dos Bombeiros já se vê, pois a *totalidade da receita* revertia para os cofres, «abonados» da dita Associação.

Desde a primeira hora em que tivemos a feliz ideia de realizar um baile no Salão Nobre da benemérita Associação, tínhamos a sensação de que iríamos ser boicotados, mas por outro lado entendíamos que o bom senso imperaria pois pensávamos nós, que palermas que somos!, que as pessoas a quem a direcção dos Bombeiros está entregue seriam pessoas de bem o que na verdade não se veio a verificar. Para mal deles, está claro.

Este famoso boicote à boa maneira do PSD local vem demonstrar que cada terra tem o que merece. São donos e senhores do poder que lhes foi concedido democraticamente em eleições livres, mas que, como bons caciques que se prezam de o ser, desprezam todos os que não são da sua côr. Ora como nós não corremos atrás de cores partidárias nem tão pouco recebemos ordens dos «barões», não calaremos jamais as nossas bocas sempre que Fão esteja em causa. Somos pessoas bem educadas, pois se não o fôssemos estaríamos agora a escrever palavras ou frases que poderiam ter que ser cortadas pelo lápis azul da censura, quer pelo seu conteúdo eventualmente chocante, quer pelo seu significado vernáculo. Assim mesmo, não nos coibimos de lhes

chamar de «bando de malfeitores» ou «cáfia de salteadores» pois utilizam os mesmos métodos.

Constatamos que da parte da Direcção dos Bombeiros e do Comando do seu corpo activo, surgiram incitamentos à não comparência nessa noite nas instalações sociais. Não nos venham desmentir pois temos testemunhas credíveis que podem confirmar o que acabamos de escrever.

E que dizer de termos feito chegar publicidade do dito baile aos senhores directores e esta não ter sido afixada? Provavelmente foi aproveitado o papel para outros fins...

E como compreender que tendo sido pedido um carro com alti-falantes aos mesmos senhores para publicitar o baile nos ter sido respondido que esse carro estava de serviço no Rallye *Cidade de Esposende*, e tendo nós confirmado que não foi verdade pois o carro não saiu nesse dia do quartel, chegamos à triste conclusão de que estávamos a ser enganados, mas mesmo assim não desistimos pois, creiam, também não somos flores que se cheirem, e pusemos a nossa polícia secreta em acção para verificar a falsidade das afirmações acima descritas.

E ainda, que pensarão todos os nossos leitores da resposta dada por 2 bombeiros a um interessado no baile que apenas perguntou onde era o baile dessa noite e lhe foi respondido que ali não havia baile nenhum.

Mais um insólito acontecimento foi termos encontrado um quartel novinho em folha sem corrente eléctrica suficiente para pelo menos ter as luzes do salão Nobre acesas.

E que tal a entrada para o famoso e fantasmagórico baile ser feita pela porta das traseiras dos bombeiros? Já se sabe, pois claro, que a da frente podia atralhar a saída das viaturas em caso de urgência.

Bem vistas as coisas ainda bem que não houve urgências nessa noite pois os bombeiros que todos os sábados estão pelas imediações do quartel nesse famoso sábado desapareceram por encanto.

E os senhores directores e *comandantes* onde andariam já que não se dignaram sequer ser vistos em Fão nessa noite? Não estava a chover nem nada e quase de certeza se deitaram todos cedo ou ficaram a ver o futebol na televisão, e como o seu «Belenenses» perdeu ficaram em casa a carpir as mágoas.

Que falta de respeito por quem quis dar uma pequena ajuda aos nossos bombeiros. Sim nossos, porque os bombeiros são de Fão e não a «quinta» de alguns «barões desta ocidental praia lusitana».

Como é possível que não estivesse no quartel alguém para pelo menos nos mostrar onde eram os interruptores da luz?

E agora com que lata irão estes senhores a casa das pessoas pedir dinheiro para acabar de pagar as obras, e o empreiteiro já está cheio de promessas, (SIC), quando tinham a possibilidade de angariar uns tostões e não o quiseram com a presunção de uns tristes coitados que acreditaram e fizeram acreditar os outros de que este baile tinha fins eleitoralistas. As eleições são só daqui a três anos, seus bacos. Até lá muita água vai passar debaixo das pontes, principalmente água emporcalhada vinda das tinturarias que, quem com poder, não liga pevide, deslizando suavemente por

entre frigoríficos e capots de carros ferrugentos. Mas isto para esses senhores não é importante. Importante sim é não deixar que a oposição ganhe votos a um século de distância. Como estão habituados a fazer as obras só no ano das eleições, estranham certos comportamentos. A verdade é como o azeite, vem sempre à tona, se a água for minimamente limpa já se vê. O que não é o caso.

Como temos que todos os meses arranjar assunto para esta nossa página, vamos ter matéria abundante com que nos divertir.

O dinheiro que os bombeiros não quiseram há-de ser investido em Fão. Para nós não o queremos. E nós somos capazes de o arranjar. Sabem porquê? Porque utilizamos uns minutos do nosso tempo disponível e conseguimos que os nossos cérebros nos criem ideias. Não é tão fácil assim pensar. É preciso ter uma cabeça e dois olhos bem abertos para olhar à nossa volta mas sem fins promocionais. Já somos fangueiros inteiros e não precisamos por pensar de ter placas afixadas em lugares bem visíveis. Não somos fotogénicos nem nada, para sonharmos com quadros de honra.

Era nossa intenção não utilizarmos nunca mais uma frase que ficou célebre no nosso burgo, mas a isso nos obrigam: **por Fão somos capazes de tudo, não duvidem.**

O REVERSO DA MEDALHA

Por nossa iniciativa realizou-se no dia 20/8/94 a «Festa do Emigrante» com a receita a reverter por inteiro para o Clube de Futebol de Fão.

Algumas, muitas, dezenas de contos foram amealhados pelo clube que se encheu de brio e preparou com muito trabalho esta sua festa. Quisemos e conseguimos homenagear todos os nossos conterrâneos que labutam por terras distantes e que nos visitam neste mês com aquela saudade própria dos bons filhos que a casa tornam para matar saudades.

Não calculam com que alegria a Direcção do Clube de Futebol de Fão aceitou esta nossa iniciativa e trabalhou para que a mesma tivesse sido o sucesso que foi.

É gratificante ver toda aquela gente divertir-se e contribuir para que o nosso clube possa botar figura.

Com gente desta vale a pena colaborar, pois mesmo sendo de outras cores, fazem do azul do Fão a bandeira de todos.

PARTO DIFÍCIL

Passados que estão nove meses desde a incubação do anúncio da construção do pavilhão não conseguimos vislumbrar nem sequer um novo placard com novas datas de início do dito cujo. Devem estar à espera que passem mais dois anos para enfim, apresentarem a população com tão famosa obra. Mas se for esse o caso, nem com cesariana vamos lá, pois os ginecologistas vão desistir de tão difícil parto.

CONCLUSÃO

Tudo isto nos dá força para continuarmos a pugnar por um Fão melhor.

A razão da nossa existência não se prende com questões menores como políticas e politiquices baratas. Era tão fácil se assim fosse.

Fão merece respeito.

O BOM JESUS DE FÃO

CALOS MARIZ

ALAMEDA — Depois da construção do templo e seu adro, ficou a existir um caminho lamacento e fundo que, segundo o Padre Chaves, ia do adro até às primeiras casas (Rua Direita) e, formando uma curva, ligava à rua Nova, hoje rua Dr. Moreira Pinto. Creio que parte desse caminho deve ser a actual rua Poeta Vinha dos santos.

No caminho entestavam vários terrenos particulares. O local era arborizado, daí já no século XIX ser conhecido por alameda, como se pode ver pela acta da Junta de Paróquia, de 11-4-1886, da qual consta que a mesma Junta plantou árvores na alameda. Na acta de 27-3-1887 verifica-se que a Junta de Paróquia escolhe um terreno de Manuel Gonçalves da Torre, de Apúlia, sito na nascente da estrada, no lugar da alameda, para aí ser construída uma escola do ensino primário.

Em 19-2-1882 Manuel Fernandes Pinheiro pediu autorização à Câmara Municipal de Esposende para fechar uma cangosta, que passava pelas traseiras de sua casa, cedendo, em compensação, parte do seu quintal, a fim de mais aformosear a Alameda do Bom Jesus, obtendo informação favorável da Junta de Paróquia.

Em 15-5-1881 foi organizada uma Comissão da Alameda, com o fim de melhorar e alargar o local. Esta Comissão considerou-se extinta em 13 de Novembro de 1894, como consta da acta da sua última reunião, cuja cópia foi entregue ao Senhor João Evangelista da Silva, com o saldo das contas, referentes à canalização da água.

Era constituída por diversos fangueiros: Prior Padre Gonçalo Lourenço Cardoso Viana, Doutor Augusto Moreira Pinto, médico do partido sul, Manuel José de Magalhães, José Gonçalves Lopes,

Francisco Fernandes Gaifém e Valentim Félix de Magalhães, secretário da Comissão.

Elaborada a planta por um técnico competente e obtida a cedência gratuita dos terrenos necessários, confinantes com o velho caminho (a própria Câmara Municipal cedeu igualmente todos os direitos que por ventura tivesse sobre qualquer terreno no local), a Comissão dividiu o espaço em três encascalhadas e arborizou a alameda com 110 árvores colocadas em desalinho, para dar a impressão de um bosque.

Os trabalhos foram concluídos em 1893, tendo a Comissão entregue, a 27 de Novembro desse ano, a Alameda à guarda e conservação da Irmandade do Bom Jesus, transferindo para ela a sua posse. Entregaram também à Irmandade 50\$000 reis para, com os juros deste capital, poder conservá-la sempre limpa.

Em 17-11-1901 os mesários do bom Jesus pediram autorização à Câmara Municipal para estabelecer na Alameda dois jogos da bola, cujo rendimento reverteria para o Bom Jesus. Houve informação favorável da Junta.

Em 1907 a alameda foi dotada com 12 candeeiros a acetilene, para sua iluminação nocturna. Em 1927 esta iluminação foi substituída por lâmpadas eléctricas, usando a Mesa, como postes, canos da encanação da água, cedidos gratuitamente pela Junta a 10-7-1927, a pedido do Juiz, dr. João Barros. Em 1954, numa colaboração entre a Mesa, Artur Sobral e Câmara Municipal, foram colocados postes na ligação da EN com a Rua Azevedo Coutinho, com lâmpadas fluorescentes, voltadas para a alameda e retirados os postes antigos. Há poucos anos a Câmara Municipal instalou no local iluminação adequada, que muito embeleza a alameda à noite (creio que na gerência do Engenheiro Losa).

O temporal, no inverno de 1921/1922, derrubou algumas árvores deste recinto e a Junta de Paróquia, a 27-2-1922, pediu à Câmara Municipal de Esposende lhe indicasse qual o artigo e lei porque se devia reger para remover essas árvores e a 11-6-1922 resolve consultar um advogado sobre quais eram os seus direitos na Alameda do Bom Jesus.

A Câmara Municipal respondeu em ofício datado de 4-8-1922 dizendo que: «pelas averiguações a que procedeu concluiu que o terreno ou alameda do Bom Jesus, dessa freguesia, é da sua jurisdição, não da Junta, competindo-lhe, por isso, zelá-la devidamente».

Vê-se que deve ter surgido conflito sobre a posse da alameda entre a Junta e a Irmandade e, a Câmara, mal informada, considerou que a mesma lhe pertencia.

Posteriormente este recinto foi completamente remodelado. Antes de nos

referirmos a tal facto trataremos, no próximo número, do fontenário do Bom Jesus.

★

Nota: Houve gralha no último artigo. No parágrafo «A 20 de Março desse ano» deve ler-se «A 20 de Abril de 1911 foi publicada a lei da «Separação do Estado das Igrejas». «A 26 de Março desse ano, o autor da lei...» segue-se o texto impresso.

CONCURSO DE PESCA

Promovido pela secção de pesca da Cooperativa Cultural de Fão, realizou-se no dia 7 de Agosto um concurso de pesca, na margem esquerda do rio. No final houve entusiástica distribuição dos prémios acompanhada de uma sardinhada à maneta.

Tomaram parte no concurso bastantes pescadores que vieram de longes terras. Foram distribuídas bastantes taças e todos os concorrentes receberam medalhas comemorativas.

Resumindo: a secção de pesca da C. C. de Fão já engatinha e bem.

ENTRE NÓS

Tivemos o prazer de cumprimentar em Fão a nossa conterrânea Cristina Mendanha Vaz Álvaro (este nome cheia a antigos navegantes) que exerce o magistério elementar nos Açores.

Gratos pela oferta da sua casa.

PIQUENIQUE ROTÁRIO

Num dos locais aprazíveis do Maranhão realizou-se no dia 27 do mês passado um piquenique orgnizado pelo Rotary Club de Esposende.

Estiveram presentes alguns rotários do clube organizador, poucos mas bons, e também da Póvoa de Varzim, bem como roteractistas de Vila Real, de Barcelos e futuros roteractistas de Esposende. Houve a tradicional sardinhada, acompanhada de fêveras de porco e diversificada sobremesa, à mistura com uma boa disposição. Para esta boa disposição contribuíram uma complexa corrida de sacos simultânea com o transporte de um ovo cozido, suspenso numa colher fixada na boca dos concorrentes, bem como jogos de malha e salto aos cântaros, mais propriamente, aos cantarinhos.

O Presidente Joaquim Lima procedeu no final à distribuição de prémios, prémios que se estenderam a todos os participantes do alegre repasto.

O local e a proximidade da faustosa habitação do rotário Manuel Silva convidam a novos encontros.

PIZZERIA — CREPERIA — GELATARIA

One Way

TAKE AWAY — ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO — ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566



PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



ALHO — (*Allium sativum*)

Cuidados Culturais — Depois de plantados os alhos, os cuidados que necessitam durante os 7 a 8 meses que requerem para o seu completo desenvolvimento, são mondas e sachas, e regas quando a secura for muita; mesmo nestas condições, as regas devem ser feitas com cuidado para que o terreno não fique demasiado encharcado.

Quando se fazem as sachas, convém que se não atire com terra para cima dos bolbos, e, é até preferível que fiquem quase inteiramente à superfície do terreno. Esta medida é absolutamente necessária se no decurso da cultura houver demasiada humidade. Quando as plantas tenham adquirido o desenvolvimento normal, é costume dar-se uma torção às hastes dobrando-as em direcção ao solo, ou então dar-se um nó com a folhagem. Esta prática cuja função principal é a regularização da maturação dos bolbos, pode facilitar o engrossamento dos bolbos, principalmente se o caule junto do colo da planta se apresentar muito grosso. Se as plantas tiverem um desenvolvimento normal e o colo da planta se mantiver delgado não é preciso efectuar esta operação.

Colheita e Conservação — Quando os alhos comecem a ter os caules e as folhas secas é a altura de os apanhar. É possível a colheita mais cedo se os bolbos se destinam a consumo directo. As cabeças serão arrancadas à mão, sacudindo-se-lhes a terra que tenham agarrada e deixam-se no terreno a secar. Depois de secos fazem-se pequenos mo-

lhos ou réstias que se guardam, de preferência, pendurados em locais secos e arejados. Em câmara frigorífica os alhos conservam-se bem durante 6 a 8 meses desde que mantidos a 0°C e a humidade relativa de 70 a 75%.

Os rendimentos desta cultura, são da ordem das 8 a 10 toneladas por hectare. Após a secagem deve-se contar com uma quebra de 40%, em peso.

Doenças e Pragas — Uma das doenças que mais atacam os alhos é a ferrugem, provocada por um fungo, — *Puccinia allii* (DC) Rud. — que também ataca a cebola e o alho francês. Esta doença ataca as folhas ocasionando forte redução do tamanho dos alhos. Trata-se, preventivamente, com caldas cúpricas. O estabelecimento de rotações adequadas e as lavuras profundas diminuem a incidência desta doença. O mildio da cebola — *Peronospera destructor* (Berk) Casp. — parasita também o alho aparecendo primeiro nas folhas, que amarelecem e se cobrem de uma pubescência cinzenta-violeta, e depois nos próprios bolbos. Tratamento idêntico ao da ferrugem. O mildio e a ferrugem podem também combater-se com produtos à base de zinebe, mancozebe ou zirame. Outra doença criptogâmica que pode, ocasionalmente, provocar estragos consideráveis, em armazenamento, é a podridão — *Pleospora herbarum* (Fr.) Rabenh. — cujo aparecimento pode ser reduzido pela conservação dos alhos em locais arejados e secos.

Bolbos — Outro agente patogénico que pode infectar os bolbos directamente no campo e ocasionar também a sua podridão é o *Bacillus cepivorus* (Lau-monner, 1952) para o qual não há tratamento eficaz, aconselhando-se a destruição das plantas atacadas e a prática de uma longa alternância das culturas.

Deve ainda registar-se como doença susceptível de se tornar perigosa o «raiado», *Allium virus 1* Smith, cujos sintomas iniciais são o aparecimento de pequenas estrias amareladas nas folhas, estrias que se alongam por todo o limbo, o qual se enrugam e murcha. Os eixos florais são pequenos, torcidos e enrugados. As plantas que apresentem estas características devem ser arrancadas e destruídas para evitar a sua retransmissão a outras plantas sãs por meio de insectos vectores. Conhecem-se mais de cinquenta espécies capazes de o transmitir (Urquijo *et al.*, 1961) sendo os mais importantes os afídios *Aphis rumicis* L. e *Rhopalosiphum maidis* (Fitch) Bod. et Sw. cujo combate, sempre difícil, pode ser tentado com insecticidas sistémicos.

Outras pragas que dão origem a estragos na cultura do alho são a mosca — *Delia antiqua* Meig. — e a traça — *Acrolepia assectela* Zell. —, bem como

o orgulho — *Brachicercus algirus* F. — todos susceptíveis de serem destruídos com maior ou menor facilidade, com os modernos insecticidas.

ALHO FRANCÊS

(*Allium porrum* L.)

O alho francês ou alho porro é originário do próximo Oriente e é cultivado desde as mais remotas eras. Conheciam-no os egípcios e os romanos; Nero comia-o temperado com zeite para aclarar a sua voz. No País de Gales, quando seguiam para as batalhas, os guerreiros punham-no nos seus capacetes para se distinguirem. Ainda hoje naquele país, o alho francês é o seu emblema e os galeses, todos os anos no dia de S. David, trazem-no na lapela do casaco.

A parte comestível desta planta é a zona branqueada do bolbo e das folhas. Consume-se cozido, em sopas, salteado com manteiga ou creme e usa-se também em conserva. Dá uma sopa deliciosa, assim como são deliciosos todos os pratos de que faz parte, pelo aroma que lhes fornece. É além disso, alimento excelente e depurativo.

Classificação e Variedades — Esta espécie, que botanicamente é o *Allium porrum* L., da família das Liláceas, distingue-se das outras espécies do mesmo género por possuir um bolbo alongado, tunicado, sendo as folhas todas radicais, compridas, glabas e embainhantes. É uma planta bienal que se cultiva como anual.

Existem já bastantes variedades que hoje se agrupam em três tipos, consoante a sua susceptibilidade ou resistência ao frio: de Verão, de Outono e de Inverno. Em todos eles existem variedades longas e variedades curtas e grossas, classificação que anteriormente se adoptava.

Entre as variedades susceptíveis ao frio contam-se: «Grosso Longo de Verão», de crescimento rápido e folhagem clara: «Amarelo grosso de Poitou», precoce de grande crescimento, para cultura no Verão e no Outono. Nas variedades de Outono — em bom rigor de Verão, Outono e Inverno doce — «Monstruoso de Elboeuf», de crescimento rápido dando cabeças volumosas, folhagem ampla e pendente; «Gigante melhorado de Saulx» de pé muito longo e grosso, precoce para cultura de Verão-Outono. Nas variedades de Inverno, francamente resistentes ao frio; «Longo de Mézières», boa variedades de cultura invernal e das mais apreciadas, pé longo, folhagem escura; «De Gennevilliers» de pé muito longo, grosso e branco, melhoramento da anterior; «Monstruoso de Carentan», variedade precoce, enorme, muito rústica, de folhagem verde-escura, ampla e pendente.

(Cont. no próx. número)

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

A equipa de futebol fangueira já iniciou a sua preparação com vista à próxima época, que se adivinha muito mais competitiva em virtude da subida à Divisão de Honra, da Associação de Futebol de Braga.

O grupo já disputou alguns jogos particulares, o primeiro dos quais frente a um conjunto que milita na Terceira Divisão Nacional, o Santa Maria (de Galegos, Barcelos).

Mesmo perdendo por um a zero, o conjunto fangueiro agradou bastante aos adeptos presentes no Campo Artur Sobral em Fão.

No fim de semana seguinte, disputou-se no recinto fangueiro, um torneio organizado pela nova Direcção com a presença do Futebol Clube de Gandra, do Vila Cova e do Clube de Futebol de Fão. O vencedor da prova foi o clube da casa, pois empatando com o Gandra e ganhando ao Vila Cova, beneficiou do empate entre os outros dos conjuntos.

O grupo fãozense dá mostras de poder vir a fazer uma boa época. A maioria dos seus jogadores vêm da equipa do ano transacto que fez um surpreendente campeonato da 1.ª Divisão Reional ao ficar posicionado no 5.º lugar teve direito a participar no recém-criado Campeonato da Divisão de Honra.

O treinador mantém-se, o que nos apraz registar, porque achamos que tem valor e vamos repetir o que já dissemos «è que tantos da casa também fazem milagres».

Com os anos de experiência que tem do futebol de Fão, conhecendo tão bem a maioria dos jogadores, até os novos reforços, pois alguns deles ótimos jogadores regressam à equipa onde tão boa conta deram de si, por isto tudo pensamos que irá fazer um trabalho muito positivo.

Para a nova Direcção os encargos serão maiores, principalmente financeiros, pois este novo campeonato será disputado por 16 equipas, menos duas que o anterior campeonato da 1.ª Divisão Regional. Mas como é apenas numa série, isto quer dizer que não há arranjos geográficos e portanto equipas de concelhos longínquos, como Cabeceiras de Basto, Póvoa de Lanhoso e Guimarães serão adversários do Clube de Futebol de Fão. Por isso, se competitivamente vai ser um ano difícil, também financeiramente o será e todo o apoio deverá ser prestado à Direcção do Clube de Futebol de Fão.

CANOAGEM

O Clube Náutico de Fão esteve presente no Campeonato Nacional de Regatas que se disputou no Rio Douro

(Melres), nas categorias de Juniores e Infantis, onde conquistou mais um título nacional individual, na especialidade de K1 mil metros, através de um seu atleta júnior.

Campeonato Nacional de Regatas em Linha (Melres)

Resultados: Juniores — K1 1000 mts — Miguel Pedras, 1.º; K2 1000 mts — Miguel Pedras e Alberto Ferreira, 5.º; C2 1000 mts — João Santos e João Ferreira, 3.º; K1 500 mts — Miguel Pedras, 4.º; C1 500 mts — João Santos, 3.º; C2 500 mts — João Santos e João Ferreira, 3.º; C2 10.000 mts — João Santos e João Ferreira, 2.º.

Infantis: K1 500 mts — Mauro Roxo, 5.º; K2 500 mts — Mauro Roxo e Pedro Coelho, 6.º.

Belmiro Penetra, o prestigiado atleta do clube Náutico de Fão, já se encontra na cidade do México integrado na Selecção Nacional que vai disputar o Campeonato do Mundo de Pista que vai decorrer naquele país nos próximos dias.

FALECIMENTO

D. ROSÁLIA CARDOSO TORRES SARAIVA

Acometida por doença súbita, em 25 de Agosto findo, faleceu Rosália Cardoso Torres Saraiva, com 70 anos de idade, casada com Adelino Gomes Fonseca Saraiva, natural de Fão, residente da Rua Serpa Pinto, Pedreiras.

A saudosa extinta era mãe do médico, Dr. José Albino, casado com a médica, Dr.ª Margarida Quinta Reis. Era irmã de D. Idalina, ausente no Brasil, D. Adozinda, Dr.ª Rosa Maria e António Torres, ausente em França.

O acidente que vitimou a senhora surpreendeu os médicos do Hospital que, apesar dos esforços, não conseguiram evitar tão infausto acontecimento.

A D. Zairinha, assim conhecida no meio, pertencia a numerosa família com tradições (Albino Torres), gozava de muita popularidade, ligada pelo casamento à família Saraiva (Pedreiras), sendo bastante sentida a sua morte súbita.

Era uma senhora muito optimista, sempre prestável a quem necessitasse de auxílio e boa conselheira a quem dela se aproximava contando-lhe as suas desditas.

O funeral, que se realizou para o cemitério paroquial, depois de exposta na Igreja do senhor Bom Jesus, celebrada a missa de corpo presente, teve grande acompanhamento.

Aos familiares, em especial para Adelino Saraiva e Dr. José Albino, os sentimentos de pesar pelo infausto acontecimento.

A.L.C.

AGRADECIMENTO

A família de Rosália Salgado Torres Saraiva vem, por este meio, agradecer muito sensibilizada as inúmeras provas de carinho e solidariedade que lhe foram prestadas por ocasião do passamento do seu ente querido.

A FAMÍLIA

NOVO ESTABELECIMENTO

Abriu um salão de cabeleireiro, no Ramalhão, a nossa conterrânea Cármen Maria Teixeira Dias.

Apesar de estar distante daquilo que durante anos foi o seu *habitat* profissional, as suas clientes tem-se revelado muito fiéis.

Felicidades, Carminho.

SILÊNCIO

*Que importa toda a tristeza
De tantas noites a fio
Com silêncio e escuridão,
Se no silêncio vazio
Dum jardim, nasce uma flor
— Uma rosinha em botão,
Que mais tarde mostrará
Toda a singela beleza
E ao caminho dará
O seu perfume de amor?*

*Oh! vida maravilhosa
Desta humilde e simples rosa
Cuja missão é somente
Ser humilde e ser formosa,
Dando aos outros, simplesmente,
No perfume, o seu amor!...*

*Que importa o negro do Mundo,
Se há tantas almas ditosas
A crescerem como rosas,
No silêncio mais profundo,
Na mais perfeita humildade,
Na perfeição e bondade?*

*Oh! vidas maravilhosas
De tantas almas formosas,
Que recordam, realmente,
A vida de tantas rosas,
Na escuridão luminosas,
Com a luz mais refulgente!*

DINIS DE VILARELHO

BAPTIZADO

No último dia 3, foi baptizado um filhinho do casal amigo Maria Alice/Adriano Faria de Nascimento com o nome de Adriano Miguel Carvalho Vilas Boas de Faria Nascimento.

Foram padrinhos Marta Ferreira da Silva e o doutor Rui Agonil Pereira.

Para o pimpolho um mundo de venturas.

C. C. DE FÃO

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

O PIQUENIQUE

Com uma assistência de 45 pessoas, realizou-se no dia 21 de Agosto um piquenique numa das margens do rio Cávado, mesmo em frente à Barca do Lago.

O dia esteve calmo e ameno e foi um prazer ver reunidos os amigos e os fãs da C.C. de Fão. Faltaram alguns e foi pena.

À 1 hora começou a distribuição dum forte feijoada que foi bem regada e bem comida. Houve a prova de alguns vinhos particulares que fizeram as delícias de muita garganta. E ainda bem, pois ficaram afinadas para cantoria ao Sol posto.

Entretanto organizou-se um passeio de barco, rio acima até à 1.ª acude que encantou todos, mas principalmente, quem nunca tinha subido o rio.

Para aqueles que o conhecem foi o recordar dos velhos tempos, quando toda a população enchia o rio com barcos enfeitados e cestos bem recheados, para festejar uma data tradicional.

Mais modestamente, também houve alguns barcos enfeitados que levaram algumas dezenas de pessoas. Outras foram de carro, mas todos chegaram a «salvo».

No regresso do passeio do rio, começaram a sardinhada e as cantorias.

O Sérgio apareceu com a sua guitarra e isso animou a festa.

Todos levaram as suas especialidades docesiras, mas no fim, não sobrou nada, a não ser alguma feijoada.

Houve uma pequena homenagem a um dos convidados por fazer anos nesse dia. Enfim, pena foi que não tivessem comparecido, todas as pessoas inscritas. Mas enfim, para o ano irá mais gente se Deus quiser. Mas quem se inscreve, não deve faltar. Quem paga as despesas?

A Cooperativa não pode morrer e há um sonho ou projecto que iremos apresentar aos cooperantes e amigos que levantarão Fão aos olhos dos fangueiros e não só.

Os sonhos não custam dinheiro, mas as realidades são mais exigentes. Portanto é preciso um certo esforço para fazer esta obra.

Como diz o poeta Gedião, «o sonho comanda a vida e sempre que o homem sonha o Mundo pula e avança».

Vamos avançar com este sonho e demonstrar aos incrédulos que «Querer é maior que poder».

Deixo-vos este provérbio para meditar e para não deixar morrer dentro de vós o tradicional amor fangueiro.

A COISA MAIS BELA

Pouca coisa vi mais linda do que o sol e o luar, pois vem um dourar o dia, o outro, a noite pratear!

Pouca coisa vi mais linda do que o pôr do sol no mar; que a ternura duma Mãe... e uma criança a brincar!

Porém a coisa mais bela, é minha Mãe a rezar!... Uma santa pede à Virgem para os seus filhos guardar.

FLORINDA ALMEIDA

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

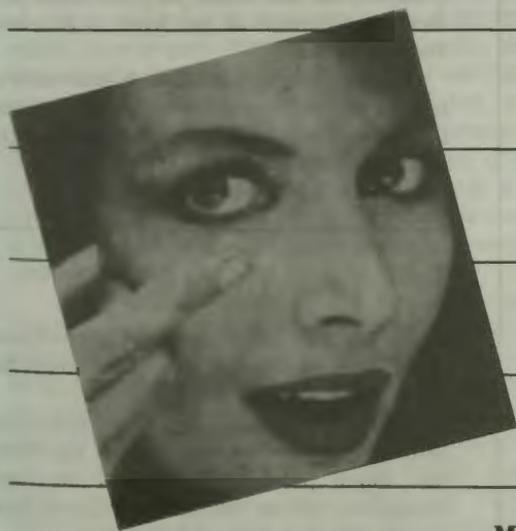
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

Óptica Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE:
OFTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA

«FÃO INVICTO»

A EXISTÊNCIA DE UM POSTO DA G.N.R. EM FÃO

Após a implantação da República, pretendeu o Governo organizar um corpo de segurança pública, de âmbito nacional, que ampliasse a acção antes exercida nas cidades de Lisboa e do Porto, pela Guarda Municipal da Monarquia.

Assim, através do Decreto com força de Lei, de 3 de Maio de 1911, foi instituída a Guarda Nacional Republicana e definida a sua primeira organização, na qual se incluía um Batalhão (n.º 6) misto de Infantaria e cavalaria, com sede em Braga.

Igualmente se previa, no referido Decreto, a implementação, progressiva desta força de ordem pública (Art.º 81) que organizou uma Companhia em Braga, a qual integrava uma Secção e um Posto em Barcelos.

Em 1919, era criado em Fão um sub-posto, sob o comendo de Jerónimo de Barros Peixoto (2.º Cabo).

Por ocasião da reorganização de 1922, levada a efeito pelo Decreto n.º 8.º 64 de 13 de Março, comandou o Batalhão N.º 6, o Major de Infantaria António Alves Viana, a 1.ª Companhia (Braga), o Capitão de Infantaria Hermógenes Ovídeo, e o Posto de Barcelos, o 2.º Sargento José Lourenço.

O Sub-posto de Fão tinha como efectivos, um 2.º Cabo e cinco soldados de Infantaria.

Este Sub-posto, por ocasião da reorganização da G.N.R., estabelecida pelo Decreto 12.259 de 31 de Julho de 1926, passou a depender do Posto de Espôsende, da Secção de Barcelos.

A acção militar revolucionária impulsionada no Norte do País, em Fevereiro de 1927, pelo General Adalberto de Sousa Dias, contra a ditadura erigida em 28 de Maio de 1926, obrigou o Exército, a Marinha e as Forças de Segurança a to-

marem posição, ou pela República Democrática deposta, ou pela nova situação.

Algumas subunidades da G.N.R. apoiaram o General Sousa Dias neste conflito, que deflagrou também em Lisboa, dias depois da eclosão da revolta nortenha.

Com a afirmativa intenção de reduzir as despesas ocasionadas pela manutenção da G.N.R. o Governo da Ditadura, presidido pelo General António Óscar de Fragoso Carmona, decretou uma nova e profunda reorganização no seu dispositivo. Foi então extinto o Batalhão sediado em Braga, passando a Companhia desta cidade a pertencer ao Batalhão n.º 4, com sede no Porto (Decreto n.º 13.436 de 8 de Abril de 1927, Art.º 1).

Porém, o mesmo Decreto delegou também no Comandante Geral da Guarda, competência para a organização dos quadros dos Batalhões e Subunidades, entre as quais se incluía a Companhia de Braga (Art.º 9.º).

Em 1929, era extinto o Sub-posto de Fão, o que a povoação muito lamentava.

★

Fontes: Acervo documental e Actas da Junta de Freguesia de Fão; apontamentos facultados pelo Comando G.º da G.N.R.

José Maria Machado do Valle

PEDRAS QUE FALAM

Tenho pelo mês de Setembro um fascínio especial: casei, são deste mês dois dos meus filhos e foi também em Setembro (no mesmo dia de seus pais) que minha filha fez questão de casar.

Setembro é um retorno, um regresso.

Como me lembro dos preparativos para as aulas dos meus filhos!

Escolhia uma tarde meiga e branda e levava-os pela mão: muito arranjados, muito penteados, muito «filhos» de sua mãe.

Naquela tarde tinha de ser tudo diferente: qual lanchar em casa? Não. Íamos os cinco ao café.

Pelo caminho, eu ensaiava-os: escolhi o bolo, só um com o galão, não quero cenas e os tempos eram difíceis. Isso que me importava?

Eu levava a riqueza na alma que transmitia e, quando entrávamos na papelaria, esquecia o orçamento. Papel para encapar os livros: cada um escolhia a sua folha luzidia, intacta e pelos desenhos preferidos eu ia analisando a alma de cada um.

Depois, depois, eram os cadernos e o seu inebriante cheiro a novo, como era novo o sonho renovado do Setembro de cada ano.

As pastas sóbrias, sem estas macacadas de hoje, a que chamam «mochilas»...

Bem, aqui, nas pastas, a coisa fiava mais fino por causa do orçamento: os mais novos iam ficando com as dos mais velhos e, normalmente, só uma ou duas eram compradas.

Ah! E os rótulos para os livros e cadernos e a minha alma a dilatar-se na proporção inversa dos escudos que sobravam, envergonhados, no porta-moedas. E ríamos e contávamos coisas do ano passado e lembrávamos amigos que iam reencontrar.

O João, com o seu pendor anedótico (que ainda hoje mantém) fazia a despesa da conversa.

A Bela idealizava, idealizava no sonho.

O Nando, apesar das suas limitações, sempre acompanhou até ao limite possível, mas sem nunca deixar de se integrar no conjunto.

A Clara (nome fangeiro este, não é?), um pouco do contra, ouvia, ouvia...

Mas a Bela era demais: gabava, apalpava, cheirava e aí a tínhamos correndo, correndo pela vida, com uma estrela em cada mão.

É Setembro e dedico «estas pedras que falam» a todos os professores e alunos dessa terra-lua e de luar. Setembro, mês arrumado, mês para pensarmos em algo mais do que a folia dum Agosto!

E, tal como outrora, eu vou em segunda edição, comprar as «mochilas» de estranhas figuras para os meus netos e bloquinhos cheirosos para a sua colecção.

Não olho a orçamento. São outros os tempos. E paradoxo dos paradoxos: não precisam nada das minhas ofertas: sou eu a agradecida, porque me devolvem o sonho fúrico da infância.

Sou avó e... está tudo dito.

MARIA SALOMÉ

ENTRE NÓS

Vindos de França estiveram entre nós no mês de Agosto os conterrâneos Carlos, Orlando, Manuel, Elias, José e Olímpio. Também vimos o Manuel Faria Graça (Lanc para os amigos).

— Também abraçamos em Fão o nosso amigo António Torres, sediado em Nante. O motivo da sua vinda foi provocado pela morte inesperada de sua irmã, a Zairinha Torres.

Tivemos a oportunidade de falar com este bom amigo, recordando velhos tempos e ouvindo os seus conselhos para uma futura do nosso jornal.

Um abraço para a Ivone.

FESTAS BONANÇA

Do dia 2 ao dia 4, decorreram em Fão as Grandiosas Festas em Honra de Nossa Senhora da Bonança.

Hoje são umas festas de se lhe tirar o chapéu. Houve de tudo. Procissões, Zés Perarras, jogos populares, sessões de fogo música ou melhor, bandas de música, conjuntos típicos e festival folclórico.

Por ventura, o número mais impressionante porque mais magestoso foi a magestosa Procissão com Sermão junto à praia.

Sem dúvida que a briososa Comissão está de parabéns e merece as felicitações de todos os fangeiros.